

Eu vi a linda Estela, e namorado
fiz logo eterno voto de que-la;
mas vi depois a Nize, e a achei tão bela,
que mereço igualmente o meu cuidado.
A qual escolherei, se neste estado
não posso distinguir Nize de Estela?
Se Nize vir aqui, morro por ela;
se Estela agora vir, fico abraçado.
Mas, ah! que aquela me despreza amante,
pois sabe que estou preso em outros braços,
e esta não me quer por inconstante.
Vem, Cupido, soltar-me desses laços;
ou faz de seus semblantes um semblante,
ou divide o meu peito em dois pedaços.

Alvarenga Peixoto (1744-1793), Estela e Nize; em Grandes Sonetos da Nossa Língua – de José Lino Grünwald, 1987

Pensai um pouco, meus amigos! Cada
palavra que disserdes com aumento
rolará pelo chão. Ouvir?... nem tento,
pois sei que de verdade não tem nada.
Tende cautela: a língua descuidada
pode, às vezes, causar constrangimento.
Não há mesmo, asseguro, ser isento
de duras provações e canalhada.
A calúnia é crime! não digais
sem provar, não forçais quaisquer boatos
nem promoveis mentiras tão banais.
E não sejais mesquinhos, tão ingratos...
não inventeis, com letras colossais,
essas infâmias e incomuns relatos.

Benedicto Pereira da Costa. Aviso; em Antologia Del'Secchi, Volume XI, 2001 – Editora Del'Secchi, fone (0 24) 2471-1952.

Tienes el don, tienes el verso, tienes
todo el valor de ti, tienes la altiva
resolución que arrostra y que cautiva
y llama las coronas a las sienas.
Tienes la fuga, el verbo, los desdenes
divinos de quien es, y el habla viva
de quien cruza la tierra cielo arriba
y ni adula al feliz, ni aguarda bienes.
– ¡Pero no tengo el impudor odioso
de enseñar mis entrañas derretidas
en estuche de verso recamado!
Viva mi nombre oscuro y en reposo
si he de comprar las palmas perseguidas
sacando al viento mi dolor sagrado.

José Julián Martí. Tienes el don, tienes el verso...; de José Martí Poesía Completa, Tomo II, 1985

Como de bronce candente
al beso de despedida
era su frente ¡la frente
que más he amado en mi vida!
...Se entró de tarde en el río,
la sacó muerta el doctor:
dicen que murió de frío:
yo sé que murió de amor.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos IX (conclusión) José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Allí, en la bóveda helada,
la pusieron en dos bancos:
besó su mano afilada,
besó sus zapatos blancos.
Callado, al oscurecer,
me llamó el enterrador:
¡nunca más he vuelto a ver
a la que murió de amor!

Ahora, Cristo, bájame los párpados,
pon en la boca escarcha,
que están de sobra ya todas las horas
y fueron dichas todas las palabras.
Me miró, nos miramos en silencio
mucho tiempo, clavadas,
como en la muerte, las pupilas. Todo
el estupor que blanquea las caras
en la agonía, aleaba nuestros rostros.
¡Tras de ese instante, ya no resta nada!
Me hablé convulsamente;
le hablé, rotas, cortadas

de plenitud, tribulación y angustia,
las confusas palabras.
Le hablé de su destino y mi destino,
amasijo fatal de sangre y lágrimas.
Después de esto, ¡lo sé!, no queda nada.
¡Nada! Ningún perfume que no sea
diluido al rodar sobre mi cara.
Mi oído está cerrado,
mi boca está sellada,
¡Qué va a tener razón de ser ahora
para mis ojos en la tierra pálfida!
¡ni las rosas sangrientas,

ni las nieves calladas!
Por eso es que te pido,
Cristo, al que no clamé
de hambre angustiada:
¡ahora, para mis pulsos,
y mis párpados baja!
Defíndeme del viento
la carne en que rodaron sus palabras;
librame de la luz brutal del día
que ya viene, esta imagen.
Recíbeme, voy plena,
¡tan plena voy como tierra inundada!

Na praia sonha a criança
da areia eleva um castelo
e meu sonho de esperança
vai se tornando mais belo...

Manoel F. Menendez

¡Ay! ¡Juguemos, hijo mío,
a la reina con el rey!
Este verde campo es tuyo.
¿De quién más podría ser?
Las oleadas de la alfalfa
para ti se han de mecer.

Este valle es todo tuyo.
¿De quién más podría ser?
Para que los disfrutemos
los pomares se hacen miel.
(¡Ay! ¡No es cierto que tiritas
como el Niño de Belén
y que el seno de tu madre
se secó de padecer!)
El cordero está espesando
el vellón que he de tejer.
Y son tuyas las majadas.
¿De quién más podrían ser?

Y la leche del establo
que en la ubre ha de correr,
y el manajo de las mieses.
¿De quién más podrían ser?
(¡Ay! ¡No es cierto que tiritas
como el Niño de Belén
y que el seno de tu madre
se secó de padecer!)
¡Si! ¡Juguemos, hijo mío,
a la reina con el rey!

Gabriela Mistral, Éxtasis y Canción Amarga; de Desolación, sexta edición, Colección Austral, Editorial Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1983

– Mas que quadro pavoroso,
diz a dama pro fedelho;
– Não, dona, diz ele, ansioso,
é um quadro, é um espelho.

A. Lacerda Júnior, em Fanal 0405

“Adeus filho... vive a vida!
Volta um dia, sem promessa...
que a primeira despedida,
no ventre da mãe começa.”

Carolina Ramos, em CPERP 0405

Fechei o mapa celeste
por astrónomos criado
porque, no olhar que me deste,
või o infinito estrelado!

Djalda Winter Santos, em O Pitiguari 0402

Quando chegas de mansinho
e me beijas carinhosa,
as pedras do meu caminho
viram pétalas de rosa!

Eduardo A. O. Toledo, em Trovareg 0405

O pinheiro deu-me a chama,
me deu a pinha e o pinhão;
deu-me o teto, deu-me a cama,
deu-me o livro e o violão!

Harley Clóvis Stochero, em Trovareg 0405

A Justiça não é cega,
é preciso mais respeito:
a gente somente emprega
o humano e frágil Direito.

Manoel F. Menendez

No frio da noite,
enrolado em jornais velhos
resiste o pobre.

Américo Pellegrini

Um clarão no céu
brilham os olhos do menino
fogos de artifício.

Delores Pires

Chuvisco frio
nas portas da catedral
mulheres da noite.

Jorge Lescano

Bocejos do frio
na vidraça embaçada
desenhos infantis.

José N. Reis

Crianças se agitam,
explosões de rojão.
Cachorros em pânico.

Mário R. Cândido

Coruja me vê
as asas batem ligeiro
susto para dois.

Neide Rocha Portugal

Chega frente fria
sopra dos pampas o vento.
Onde está o sol?

Tomoko K. Gaudioso

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.06.04, quigos à escolha:
Chilranda na árvore, Dia da Independência, Erica.

Remeter até 30.07.04, quigos à escolha:
Ciclame, Corruia, Dia da Criança.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais exclurimos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só treinando.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Yamás lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmnenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicu receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL * – TREVOS PERSONAGEM *

- Hoje, estou alegre! ◦ O mar misterioso, ◦
Correio elegante, ◦ no Dia do Pescador, ◦
me trouxe boas notícias. ◦ traz beijos de espuma... ◦
- Ailson Cardoso de Oliveira ◦ Amália Marie ◦
Correio elegante: ◦ O ninho está cheio. ◦
a mensagem garantida ◦ Para a feiosa coruja,
para os namorados. ◦ seus filhos são lindos!
Alba Christina ◦ Cecy Tupinambá Ulhôa ◦

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) INVERNO		
Lagartas famintas comem brócolis floridos, destruindo a lavoura. Ailson Cardoso de Oliveira	Corujas no poste... O raio do sol desperta menino de rua. Ercy M. M. de Faria	Cipó-de-são-joão... Segura... e pula a fogueira... – Caipirinha esperta! Maria Madalena Ferreira
Fogueira, balões o fogo aquecendo o frio: noite de São João. Alba Christina	Batata-doce no foguêdo mantendo aceso... – noite de São João. Fernando L. A. Soares	Nuvem de poeira o vozeiro no campo... vacajada alegre. Maria Regizato Labruciano
Fogo com cicco aquece o aconchego. Lá fora o frio. Amari do Amaral Campos	E noite, no quarto. Batata-doce no bucho... esquisito o ar! Fernando Vasconcelos	Com os galhos nus e as folhas secas no chão – uma velha árvore. Nilton Manoel Teixeira
Paquera rolando solta. Correio elegante. Analice Feitoza de Lima	Noite escura. No silêncio da noite o canto de um mocho. Hélvico Durso	Geada caiu. Não queimou minhas folhagens. Cobri com jomais. Olga Amorim
Dia de Santo Antonio na fogueira o bilheto: mensagem ao santo. Anita Thomaz Folmann	Rebrilha a fogueira na fria noite de junho. Presença de São João. Hermoclydes S. Franco	Quermesse na praça, é festa no interior, a moçada dança. Olga dos Santos Bussade
Roupas rasgadas é tempo de quadilha. Pobres da moda. Carlos Roque B. de Jesus	Madrugada fria... Vez por outra, algumas queixas: – Corujas piando! Humberto Del Maestro	Escorrega... sobre! o rapaz no pau-de-sebo com esforço e garra! Olíria Alvarenga
Espera na praia... No Dia do Pescador, pescaria boa. Cecy Tupinambá Ulhôa	Moças românticas. É Dia de Santo Antonio. Pedidos, promessas... João Batista Serra	Cheiro de queirão a se espalhar pelo ar: noite de São João. Renata Paccola
Festival de aromas evoluando da fogueira... e o pobre em jejum... Darly O. Barros	Rio seco, a mulher desce o barranco. Firmeza no pé. Larissa Lacerda Menendez	No ponto de ônibus todos estão em silêncio. Que frio! Sérgio Francisco Pichorim
Pessoas andando no leito do rio seco. Inclemente sol. Djalda Winter Santos	– Cai, cai, cai, balão! Vozes unidas, cantando... Noite de São João. Leonilda Higenberg Justus	Igreja em prece: no ar a ansiedade. Lá fora, a quermesse. Sérgio Serra
Pinguinhos dourados enfeitando meu quintal nêspersa à vista! Elen de Novais Felix	Os jovens no baile, remendos em panos novos. Noite de São João. Manoel F. Menendez	Alta madrugada. Guris dormem ao relento sob frio cortante. Walma da Costa Barros

Porta-voz do amor ◦ corações levam mensagens... Correio elegante... Darly O. Barros

O novo uniforme ◦ faz o correio elegante... Privatização!... Hermoclydes S. Franco

Lágrimas geladas ◦ na triste praia de inverno, o mar sente frio. Elen de Novais Felix

No buquê de flores * da despedida formal, as falsas azáleas. Héron Patricio

A donzela arfante, ◦ feliz, não flechou cupido? – Correio elegante. Fernando L. A. Soares

A coruja vê ◦ com óculos invisíveis formas de beleza. João Elias dos Santos

Na festa junina, * a moça acende a fogueira. Corações queimando. Fernando Vasconcelos

A jovem acendeu, ◦ com a fogueira do olhar, um amor de inverno. Leda Mendes Jorge

Festa junina! ◦ O cheiro gostoso das bombas e o calor da fogueira! Guim Ga

Beijinhos de amor, * entre goles de café... ai! perdeu o ônibus... Leonilda Higenberg Justus

Há festa junina! ◦ Quantão, batidas, fogueira. São Pedro festeiro! Haroldo R. Castro

A rede pesada ◦ boa promessa da manhã. Dia do Pescador Manoel F. Menendez

É madrugada. ◦ Ouço um canto de coruja. Não creio em agouro. Hélvico Durso

Árvore desnuda ◦ simboliza triste seca. Grande solidão. Maria App. Picanço Goulart

Cartas sem atraso... Carteiros sempre sorrindo... – Correio elegante! Maria Madalena Ferreira	Fogos e alegria. Brasil do Sul ao Norte. Festas juninas! Nadyr Leme Ganzert	Dia dos Namorados casais lembrando o passado por outros lados. Nilton Manoel Teixeira	No abrigo do ninho a coruja vê os filhotes: são lindos demais! Olga Amorim	Apesar do frio, saúdam o mês de junho festas ao ar livre. Renata Paccola	Bandeiras de estrelas... Torno à fogueira da lua, quadrilha dos anjos. Sérgio Bernardo	Quermesse na praça. Batata-doce, canjica... Viva a Padroeira! Yedda R. M. Patrício
Apesar do sol meu gato não sai do sofá – início de inverno.	Dia dos Namorados – netos colhem pro vovô flores pra vovô.	Manhã de inverno – um passarinho molhado morto no quintal.	Tarde muito fria – um bêbado aquece as mãos com seu próprio bafo.	Canto do nambu – sombras avançam mais rápidas sobre o meu telhado.	Luz crepuscular – retornam do campo seco mais sombras que gado.	Canteiro sem flores – de quando em quando alça vôo uma folha seca.
Chuva de inverno – só bezerinho se abraça embaixo da mãe.	Esquina de sempre – mãos estendidas em concha cheias de garoa.	Rouco pigarrear – um vulto envolto em fumaça em meio à garoa.	Chuvoso invernal – o vira-lata me olha abanando o rabo.	Densa poluição – no horizonte macilento sol se desmanchando.	Faixa ensolarada – entre dois prédios sombrios a nuvem de inverno.	Quebra-mar lá longe – gaivotas aguardam a volta da onda de inverno.

Teruko Oda, de Janelas e Tempo, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

Rolando no banco só restou uma folha seca o trem já partiu.	Casa abandonada cipó-de-são-joão resiste deitado no chão.	Rápida caminhada os jovens pisam com força as folhas secas.	No campo queimado ainda uma leve fumaça tronco resistindo.	Manhã de primavera todas as janelas abertas perfume entrando.	Queimada no campo o lavrador enxuga os olhos lágrima e fumaça.	Árvore cortada no tronco – tão machucado – o verde nascendo.
---	---	---	--	---	--	--

Eunice Arruda, de Há Estações, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

U M C R I M E I N S I G N I F I C A N T E

Maxine O'Callaghan, em Ellery Queen – Mistério Magazine, 7705

Quando a campainha da loja tocou, ergui os olhos dos livros fiscais e soltei um gemido. Eu já estava tendo muito trabalho para me relacionar com o velho, sem aquela mulher. E agora ela aparecia para arruinar tudo de vez.

Ele a observava com um esgar, a boca adelgada numa linha reta e esguia... juiz, júri e carrasco. Fechei os livros e fui depressa até a extremidade do balcão.

– Por favor – eu disse.
– Por favor coisa nenhuma. Eu estava falando sério. Se essa mulher roubou alguma coisa hoje vou denunciá-la à polícia.

Eu tinha falado em voz baixa, mas a voz dele soava alta e agitada. – Vamos conversar no escritório – sugeri. Havia um espaço envidraçado logo atrás do balcão, de onde era possível trabalhar e observar as dependências da loja ao mesmo tempo. Ele fincou o pé teimosamente, mas consegui leva-lo para dentro e fechar a porta.

– Não há o que discutir – ele disse.
– Há muito o que discutir. O pai dela tem muita influência nesta cidade. Se o senhor pensa que pode humilhar essa moça sem nenhuma represália está perigosamente enganado. Se ela pegar alguma coisa, por que não cobrar dele, como o senhor tem feito até hoje?

– Porque não está direito: por isso! Eu já traí demais os meus princípios.
Comecei a transpirar. O escritório estava opressivamente quente, mas isso era apenas parte do motivo. Eu estava tremendo de raiva contida. O velho maluco não enxergava um palmo adiante do nariz. Ele acabaria sacrificando o negócio e o nosso futuro, o meu e o de sua filha, só para aparentar uma falsa santidade. E por quê? Por um crime insignificante, que não prejudicaria ninguém.

O senhor não devia condenar tanto essa pobre mulher – observei, tentando pensar numa maneira de evitar o conflito que certamente viria. – O pai dela diz que isso é uma doença.
– Bobagem! Ela é uma ladra, e pior ainda, não faz o menor esfor-

ço para esconder o fato.

Seu olhar era duro, teimoso e obstinado. Não havia uma única gota de suor naquela fronte calva. – Eu já lhe disse que tenho os meus princípios, apesar de a sua geração não entender nada disso. Vocês, de agora, só dão valor ao dinheiro.

“Quem é ele para dizer isso?”, pensei. Eu já vinha trabalhando com o velho há algum tempo, o bastante para ver como ele enganava os clientes. Nada grande ou declarado: apenas uns centavos a mais aqui e ali, às vezes obtidos com a venda de mercadorias de baixa qualidade. A única coisa que me animava era o fato de que ele não poderia viver para sempre. Minha mulher era sua única filha de um casamento tardio. Se eu ficasse firme, a loja um dia seria minha... um bom ponto de partida para as idéias e planos que se agitavam impacientemente na minha cabeça. Eu não podia deixar que ele jogasse tudo aquilo fora por causa de seu moralismo obtuso.

Ele continuava observando a moça como um carrasco e esperando o réu no cadafalso, mas comecei a sentir alguma esperança. Ela andava de um lado para o outro da loja, observando algumas coisas e colocando-as de volta nos lugares. Talvez nada daquilo tivesse sido necessário. *Nem sempre* ela roubava. “É o clima”, eu disse para mim mesmo. Há semanas o calor vinha nos oprimindo como uma tampa de panela de pressão, irritando nervos e exaltando humores. “Vá embora, roguei silenciosamente; faça sua compra e saia daqui.”

Era muito tarde para os meus rogos. Seus dedos gorduchos já haviam escolhido o prêmio do dia. O velho respirou fundo e preparou-se para deixar o escritório a toda carga, mas eu consegui segura-lo.

– Eu não vou deixar que o senhor faça isso – afirmei.

– Você não pode me impedir – ele respondeu, tentando libertar-se, mas eu o mantive seguro. – Esta loja é minha. Eu sei que você está ansioso para me ver morto e poder tomar conta de tudo, mas no momento eu ainda estou bem vivo, e posso fazer o que bem entender.

– Vá em frente, então – eu disse, temerariamente – mas escute bem: se fizer isso, eu vou embora. O senhor passa o tempo todo me advertindo, mas não é estúpido. O senhor é esperto o bastante para reconhecer que eu trabalho muito para esta loja. A verdade é que o senhor não pode mais dirigir este negócio sozinho.
– Não seja ridículo – interrompeu ele, já hesitando.

– Eu recebi outra proposta – continuei. Era uma grande mentira, mas eu estava desesperado. – Pois eu aceito essa proposta amanhã mesmo. O senhor vai perder não só a minha ajuda como também a de sua filha e a de seu neto.

Ele passou a língua pelos lábios, mas não pude ler nada naqueles olhos cinza e velados. Precisei de toda a minha força de vontade para encostar-me casualmente na escrivaninha e fingir que conseguia respirar aquele ar denso e úmido.

– Então?... – perguntei. – Quanto valem exatamente os seus princípios?

Ele não respondeu. Apenas virou as costas e saiu para o balcão, onde a mulher esperava com alguns centavos de pregos legítimos sua visita. Achei que o andar dele talvez estivesse mais lento do que de costume, seus ombros estavam mais curvados, mas eu não poderia ter certeza disso. Fui atrás dele com o coração forte dentro do peito, convencido de que havia cometido um terrível engano, arruinado meu futuro.

Ele aceitou o pagamento sem uma palavra, sem olhar em direção à grande sacola da moça, onde se via um pedaço do cabo de um machado, bem à mostra. Ele conseguiu até acenar com a cabeça e dizer um “Boa tarde, Miss Lizzie”, enquanto eu suspirava, trêmulo, mas vitorioso, e fazia um lembrete para botar o machado na conta de Mr. Borden.

U M T I P O D E C R I M E

Edward Wellen, em Mistério Magazine de Ellery Queen, 7410

Ladrão de Banco:

Quem poderia ter pensado que chegaríamos a isto? Como os nobres decaíram! Mas nesta era de

pesadelo de ar condicionado, com suas telas e janelas fechadas, torna-se cada vez mais difícil encontrar dormitórios em que eu possa penetrar.

Empregado de Banco:

Que espécie de indivíduo assaltaria o estabe-

lecimento, deixaria de lado a caixa de dinheiro e levaria consigo todos aqueles litros de sangue? Deve ser maluco.

A escritura do terreno, a mensalidade da escola das crianças, o cheque que não foi, o telefonema para falar do advogado e do contador.

No lugar da emoção, uma conversa tática.
Do nosso amor o que restou é matemática.

Airton Tadeu Bovo, Matemática

Quem me invade a rua onde repousa essa vontade morta de não mais sorrir nem cantar?

quem me bate à porta e ameaça invadir este silêncio que me aperta o coração?

quem me invade agora que não estou mais em mim?

Aluisio Barros de Oliveira, Vigília

Todas as avenidas estão preenchidas pelo tempo. Nenhum espaço sobra nenhum espaço em que se possa descansar das horas.

Onde caminhamos

homens admiráveis habitam árvores e caem como folhas que o vento desemprega em montes pequenos:

tropeçamos devagar em cada homem admirável pisamos devagar em cada homem admirável as avenidas abertas nos impedem os novos caminhos somos todos impedidos pelos redemoinhos e passadas largas, a passos inalteráveis

acreditamos todos num fardo evolutivo todas as avenidas se parecem a todas as avenidas num tempo em que a cegueira não perdoa a vida não há vácuos nenhum espaço apenas o possível repousa nas horas pendentes.

Angela Barros Montez, Presença

Sem pátria, sem Liszt, sem norte na bússola, apenas olhares terminais perdidos na Rodoviária do Tietê.

O rio morto da paisagem passa ácido, em sua trajetória química, buscando barcos e peixes na memória dos transeuntes, que roçam a sua pele com olhares de vidro em plena estufa da tarde nublada.

Carlos Jorge Paixão, Poema do Avesso

Há locais e circunstâncias tão comuns! lugares e cores e fatos e músicas que tornam dois momentos ou mais por um momento iguais cadeira mesa copo cerveja pelo meio tão comum, mas tão! que quem leva o copo à boca pode sentir-se, por um momento em comunhão.

Eduardo Roxo Nobre Franciosi, Há locais...

Louco bater de asas, pássaros de fogo, fagulhas de vida sobre a palha seca do coração molhado. E o pé se livra da mordada, chão e a vida se incendeia num instante paixão.

Maurício Machado Galvão, Livro

O velho jeans percorre a trilha das folhas secas caídas daquelas mangueiras em direção ao Solar onde o músico toca Chopin no piano secular. O Solar que beira a baía onde todos os santos recolhem-se com o sol atrás da ilha deixando no céu esta estrela solitária que me pisca os olhos e permanece distante.

Railton Bispo dos Santos, Entardecer

Folhas Avulsas – Antologia do 1º Concurso Universitário Livre de Poesia Brasil-Portugal da PUC SP, 1992; Educ – Editora da PUC-SP, Rua Monte Alegre 984, CEP 05014 – São Paulo, SP

Um bom trabalho em xerox colorida, xerox de Plantas, xerox P/B, redução, heliografia, ampliação, autenticações, encadernação, plastificação, serviços de Fax, carimbos, cópias de chaves? Assessoria Xerográfica Ind. e Com. Ltda., Rua Venceslau Brás 154, Centro, CEP 01016-000 – São Paulo, SP – Fone/fax (011) 3104-9765 – genesio_lopes@uol.com.br